



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8

F473

me

A 469450

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*
1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



FIDELINO DE FIGUEIREDO

DO GRADO SUPERIOR DE LETRAS

Os melhores sonetos da lingua portuguesa

Desde Sá de Miranda, seu introdutor em Portugal
no seculo 16.^o,
a João de Deus no seculo 19.^o

com os sonetos dos outros
seculos de Sá de Miranda e de Almeida

LISBOA

Livraria CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
138—Rua da Pólvora—116

1907

OS MELHORES SONETOS
DA LINGUA PORTUGUÊSA

terrupta dos seus esforços literários e pela evidente vontade de progredir e sêr útil.

E são essas as qualidades que assinalam o manuscrito que ora lhe devolvo.

Como não sou juiz, outros dirão se são incontestáveis todos os pontos de vista, sob que considera cada um dos autores dos melhores sonêtos. O que eu sei e vejo é que as anotações concomitantes da sua pequenina antologia encerram ensinamentos louváveis para a população escolar e para os estudiosos menos lidos; e que a selecção dos sonêtos obedeceu geralmente a um critério que afina pelo meu. É certo ou, pelo ménos, antolha-se-me, que a selecção poderia ser mais numerosa, e que,—á parte outros nomes,—o Xavier de Matos entre os antigos, e o João de Deus entre os modernos, poderiam, sem desvantagem, acrescer á gloriosa lista dos poetas dos melhores sonêtos.

Mas isto é uma anotação vaga: em tudo há mais e há menos. O que é indubitável é que este seu manuscrito constituirá um formoso florilégio, em que a utilidade prática se alia com as mais justas homenagens a gloriosos vultos da poesia nacional.

Pedroços, 1-1-07.

Candido de Figueiredo.

O SONETO

É o soneto como uma pequenina jarrinha dum subtil lavôr e em que, portanto, só se deve dispôr uma flôr fina e rescendente como a rosa.

Um soneto que envolva uma idéa banal é como uma jarra muito trabalhada, com uma margaridas ou um malmequer camponês.

Todos, que começam a versejar, cultivam esta forma, encarando-a apenas como um grupo de versos, distribuida por duas quadras e dois tercetos.

Dahi a multidão imensa de sonetos que a litteratura portugueza nos mostra, especialmente a pseudo-litteratura dos albuns de meninas que decóram Lamartine e se deliciam com os arroubos apaixonados da *Morgadinha de Valflôr*.

Para muitos o soneto, é ainda hoje uma méra fórma poética, a que se molda qualquer assunto. Quantos modernamente se fazem ainda em

que transparece apenas o risível *Lyrismo intimo, que enclausurado nas duas pollegadas do coração, não comprehendendo d'entre os rumores do Universo senão o rumor das saias de Elvira,*¹ *tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel confidencia de glorias e martyrios de amor.*

(*Fradique Mendes*—EÇA DE QUEIROZ)

Foi efetivamente esse o seu primeiro aspecto, em que Camões produziu maravilhosas peças, em que foi insubstituível, mas esse aspecto pertencia á época, e era sugerido por causas adiante expostas.

Camões floresceu no seculo 15.^o, de que nos separam quatrocentos anos, ou seja uma completa remodelação na vida, em todos os seus ramos, evolucionando para um periodo positivo, de ação, como consequencia immediata e unica do incremento da Idéa. E a essa metamorfose,

¹ Nome muito citado nas *Meditações* e *Harmonias* por Lamartine, principal epigone do ultra-romantismo nevrotico. Ficou consagrado.

a literatura, como espelho fidedigno, de fórma alguma poderá ser indiferente.

Oriundo da Italia,¹ a fórma petrarquiana do soneto foi introduzida na literatura portugueza por Francisco de Sá de Miranda, conjuntamente a outras fórmas, que conheceu na sua viagem pelos principais centros intellectuaes do pais de Dante.

¹ E' a literatura fonte inexaurivel de profundissimos conhecimentos sociologicos, de cujo ensinamento muito aproveitariam os que a estudassem conscienciosamente. E' de vêr a utilidade a usufruir das viagens, como o provam exemplos frizantes tirados da historia literária.—D. Afonso 3.º, no seculo 13.º, de volta de França, fez-se acompanhar de poetas provençaes, que cá generalizaram esse bello genero lirico, a mais brilhante fase dos primordios da historia da literatura portugueza.—Damião de Goes, no seculo 18.º, depois de intima convivencia com os homens mais notaveis do seu tempo, Erasmo, Lutero, Melanchton, etc., inaugura em Portugal a critica historica e, vitima da sua liberdade de idéas sobre religião, é perseguido pela Inquisição.—D. Francisco Manuel de Melo, no seculo 17.º, tendo viajado por toda a Europa culta, é o unico portuguez considerado no estrangeiro e o unico escritôr que mostra uma alta conceção da historia e que tenta o teatro.—E finalmente Eça de Queiroz, estabelecendo pelo estudo *de visu* a comparação entre a sociedade portugueza e as estrangeiras, denuncia depois o seu atraso, introduzindo assim o grande romance moderno de critica.

Estas novas fôrmas vinham, supunha o seu introdutor, destronar as antigas medievas, de que o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende era um doloroso documento. Porém a antiga escola, chamada da *medida velha*, reagiu e, por um aperfeiçoamento natural, produziu Bernardim Ribeiro, Christovam Falcão e o grande Gil Vicente.

O soneto deve encerrar uma idéa mais ou menos ampla, segundo a faculdade de concepção do autor, mas abrangê-la completamente. E' essa a principal dificuldade do soneto, que determina **uma** adjectivação inergica, mas apenas a **strictamente** necessaria, evitar as preposições inuteis, termos redundantes, etc. E' tanto mais bem feito, quanto mais regular e fluente é o curso da idéa, crescendo de interesse, e cerrando-se finalmente no ultimo terceto com um **conceito** ou por uma maneira **imprevisita**, que o bom gosto do poeta escolherá. A **linguagem** deve ser em harmonia com o assunto, e naturalmente erudita, visto como o soneto se reserva para temas elevados. Quanto á me-

dida,¹ varia éla, sendo porém a decasilábica geralmente preferida com vantagem. A rima é também variavel, usando-se mais frequentemente e com beneficio para a harmonia, a que combina os versos extremos das quadras e dos tercetos.

Póde-se presumir das suas dificuldades pela opinião dos dois mestres:

Eu, senhor, já podia ter bisnetos
Depois que comecei a fazer trovas,
E ainda bem não caio nos sonetos.

(DIOGO BERNARDES—Seculo 15.º)

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème.

(BOILEAU—Seculo 18.º)

O soneto deve abrir com chave de prata e fechar com chave d'oiro.

(MANUEL BERNARDES—Seculo 17.º)

¹ Alem dos quatorze versos encontram-se alguns com um novo terceto suplementar, o *estrambote*, de que Camões nos mostra varios exemplos.

SÁ DE MIRANDA

(1495-1558)



NASCEU em Coimbra o introdutor em Portugal da escola da Renascença. Doutorado em leis pela Universidade de Lisboa (1516), cedo começou a versejar sendo bem conhecido e figurando na serie dos colaboradores do *Cancioneiro Geral*¹ de Garcia

¹ Entre outras, subscritas por Sá de Miranda, figura no *Cancioneiro Geral* a seguinte *cantiga*:

Cerra a serpente os ouvidos
A' voz do encantador:
Eu não, e agora com dôr
Quero perder meus sentidos.

de Rezende, condescendendo com os antigos moldes, visto que a influencia estrangeira ainda se não fazia sentir.

Em 1521, quando a Italia se via a braços com as guerras de Carlos V e Francisco I, partiu em viagem artistica, cuja resolução só poderia ser determinada por causa imperiosa.

Parece ter sido éla a mesma que tambem em 1521 afastou da côrte varios fidalgos; o ter D. Manuel desposado em terceiras nupcias a noiva de seu filho, depois D. João III.

Durante a sua viagem por Veneza, Roma e Milão, conheceu de perto as principaes sumidades literárias italianas, cujas obras vasadas nos novos moldes, estudava:

Desde hi o gôsto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando,
Envoltos em tantas flores.

Os que mais sabem do mar
Fogem de ouvir as sereias:
Eu não me soube guardar,
Fui-vos ouvir aomear
Fiz minha alma e vida alheias.

Esta e outras inumeras semsaborias provocava-as o parasitismo da fidalguia na côrte, em que se versejava por parecer bem ás damas.

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro,
N'estes derradeiros annos,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

Liamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão,
Que honraram sua nação.

.....

(Carta 2.ª, Quintilhas 29.ª, 30.ª e 31.ª)

Para recomendação e para justificar o benevolento acolhimento que recebeu no decurso da sua viagem, bastava o seu nome de português, tão celebrado então no mundo pelo Gama, por Alvares Cabral, Magalhães, Almeidas, Pacheco Pereira e Albuquerque.

Em 1526, instruído já no movimento restaurador da antiguidade classica, a Renascença, volta ao reino e depois de desenganado da sua faculdade de adaptação, pela sua intransigencia (1534) refugia-se da côrte, que abominava, numa quinta sua, da Parada, proximo de Braga.

Ahi, amiude visitado em romaria literaria pelos novos de então, foi exercitando o terceto de Dante, o soneto e outros moldes novos, e escrevendo as celeberrimas *Cartas*, a sua obra-prima, o melhor que no genero epistolar possui

a literatura portugêsa. Ainda influenciado pela Italia, insinua a D. João III o *machiavelismo*, podendo assim filiar-se o desenvolvimento do poder absoluto em Portugal na mesma causa que em Italia o determinou. Essas cartas são repositórios de preceitos sobre a arte de governar e de viver, sobre a marcha da expansão ultramarina e sobre mil defeitos humanos, a que êles tão bem se adaptavam que ficaram consagrados.

Entre êles correm os seguintes:

Onde ha homens ha cobiça;
 Cá e lá tudo ella empeça,
 Se a santa, se a egual justiça
 Não corta ou não desempeça
 O que a má malicia enliça.

(Carta 1.ª, Quintilha 4.ª)

Homem de um só parecer,
 D'um só rosto, uma só fé,
 D'antes quebrar, que torcer,
 Elle tudo póde ser
 Mas de côrte homem não é.

(Idem, Quint. 24.ª)

As santidades da praça,
 Aquelles rostos tristonhos,
 C'os quaes este e aquelle caça,
 Para Deus, senhor, é graça,
 Para nós tudo são sonhos.

(Idem, Quint. 26.ª)

No seu refugio o artista e mestre, como lhe chamou Antonio Ferreira, cultivava e propagava o movimento da Renascença, disvelando particularmente o soneto. Porém a lingua acabava de mostrar eloquentemente a sua rudeza no *Cancioneiro* de Rezende e, apenas adaptavel á velha redondilha, não poderia preencher sonoramente as medidas exigentissimas da nova escola. Por outro lado Sá de Miranda, como primeiro cultôr da nova metrificacão, desfavorecido da lingua, foi incorretissimo nas medidas e por vezes enigmatico.

Dentre os numerosos sonetos de Sá de Miranda, apenas um citarei. Pena é que a fórma que lhe atribuem seja sempre suspeita, em virtude das muitas variantes que o confundem. Numa edição moderna,¹ segundo um manuscrito existente numa biblioteca alemã, atribuiu-se-lhe uma fórma que, a meu vêr, não é a mais harmonica, nem a mais perfeita, e que lhe retira, portanto, muito do seu valor. Consultando as variantes optámos pela que em seguida reproduzimos.

¹ *Poesias de Sá de Miranda* por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, edição a que é referido o numero do soneto.

A contemplação da sua decadencia, que constitue a sumula do soneto, desalentada em face da vicissitude incessante da natureza, deu mais tarde assunto a Camões para novos sonetos.

SONETO 20.º

O sol é grande,¹ caem co'a calma as aves
Do tempo em tal sazão² que soi³ de ser fria:
Esta agua, que d'alto cae,⁴ acordar-me-ia
Do somno não, mas de cuidados graves.

O' coisas todas vãs, todas mudaves,
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vae, passa outro dia,
Incertos todos mais, que ó vento as naves!⁵

Eu vi já por aqui sombras e flôres,
Vi aguas e vi fontes e vi verdura,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo e de mistura:
Tambem fazendo m'eu fui d'outras côres,⁶
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

1 Corria o outono e fazia uma alta temperatura.

2 Estação do ano. V. o fr. *saison*.

3 Costuma.

4 Proximo da casa de Sá de Miranda, havia uma cascata.

5 Fôrma alatinada, *navios*; em lat. feminino.

6 Embranquecendo.

Para o estudo comparativo, entre nós tão pouco usado apesar das suas indiscutíveis vantagens, reproduzo em seguida dois sonetos de Camões, em que a leitura do de Sá de Miranda se denuncia com muitas probabilidades de certeza:

SONETO 33.º

Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficão as mágoas na lembrança,
Do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi converte em choro o doce canto.

E afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda já como sohia.

SONETO 42.º

Com o tempo o prado seco reverdece,
Com o tempo cahe a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudeloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece,

Com o tempo hum louro moço, outro florece,
Com o tempo hum he sereno, outro invernoso,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem já quando esquece,

Com o tempo faz mudança a sorte avára,
Com o tempo se aniquila hum grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que é passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

LUI DE CAMÕES

(1524-1580)



ORMITANDO na nossa decadência, sobre os loiros avitos, vamos vegetando por uma caducidade enervada, em que apenas dois nomes despertam uma intermitência de sentimento patrio, esse fluido imate-

rial que une uma raça, como as raizes dos pinheiros a areia movediça das dunas. Esses nomes são Gama e Camões; um inaugurando com o mais brilhante feito da civilização moderna, o heroico periodo do seculo 16.º, primeira metade, em que Portugal atingiu essa fase altruistica, que constitue o apogeu da vida duma nação, daquelas que chegam a preenchê-la completamente, isto é, legando algum tributo á ci-

vilização humana; outro cerrando-o épicamente pela arte, nos seus *Lusiadas*, como uma corôa de loiros sobre a fronte do maior heroe de Portugal, iniciador, pela sua descoberta, duma completa remodelação na vida da Europa.

Toda essa historia, no periodo em que éla se generaliza, deixando de ser dum pequeno povo, para tornar-se uma época da historia da civilização universal, decorré da descoberta do caminho da India pelo Cabo, até aos *Lusiadas*, desde Vasco da Gama até Luis de Camões.

Luis Vaz de Camões (1524-1580) viveu a vida aventureira de todos os portugêses de então, curiosos dos segredos recém-desvendados ao mundo, e de que Fernão Mendes Pinto é flagrante prototipo.

Lisboa e Coimbra disputam a honra de terem sido sua patria, parece porém mais averiguada a probabilidade a favor de Lisboa.

Estudou em Coimbra, na Universidade, recentemente transferida de Lisboa por D. João III, ao tempo em que era Cancelario seu tio o geral de Santa Cruz, a quem dedicou a sua primeira imitação da escola italiana, a *Elegia da Paixão*.

Muito pouco se sabe da marcha dos estudos do moço poeta em Coimbra; em 1542 frequen-

tou a côrte de D. João III, uma verdadeira côrte literaria, não só pelo favor do rei, mas ainda pelo acolhimento de sua irmã D. Maria, que reunia em volta de si damas notaveis como Luisa Sigea, Angela Vaz e Paula Vicente, filha do grande Gil Vicente.

Mas como o sol ao despontar, ainda no primeiro arrebol eclipsa todas as estrelas, assim o assombroso genio poetico de Camões intimidou as mediocridades, que em seguida, movidas por um mesquinho ciume, se envileceram a persegui-lo. Nesta guerra de ciumes quebrou lanças, como principal chefe, Pedro d'Andrade Caminha, poeta mediocre, plagiario, depois delator de Damião de Goes á Inquisição.

Com uma organização apaixonada, como a dum verdadeiro português, impondo-se naturalmente pelo seu talento, deslumbrou as damas, que porfiavam em serem celebradas nos seus acrosticos e anagramas. A mania da época, a valentia; indisposições de seu tio com o rei; e a malevola interpretação do seu auto *El-rei Seleuco*, alusivo aos amores de D. João III pela sua futura madrasta, obrigaram-no a sair de Lisboa.

Morto seu tio, deixando a mãe, partiu para a Africa, aonde o chamavam o ardor da sua mocidade aventureira, a que as noticias do cêrc

de Mazagão davam azo de satisfazer-se, e onde por dois anos combateu valorosamente, perdendo o olho direito. ¹

Em 1553, por motivo duma cutilada na pessoa de Goaçalo Borges é obrigado a partir, depois de ter penado na cadeia do Tronco. Esta prisão é particularmente celebre por constar que foi, durante éla, que lhe surgiu no espirito o plano monumental duma epopéa, mercê da leitura da primeira *Década* de João de Barros, publicada em 1552.

Derribado das suas esperanças, parte a 24 de Março de 1553 para a Índia, onde a tempestade da sua vida mais se emborrascou.

Ácerca desta partida, querem alguns criticos que a sua causa seja o provavel(?) amor por D. Caterina de Ataide, que afirmam como certo. Os argumentos em que se fundam não são porém indiscutíveis, ao contrario, muito falíveis. O proprio Faria e Sousa(1590-1649), que poderia conhecer contemporaneos de Camões, tem grande dificuldade em sustentar a tradição, que como a de Dante, de Petrarca e de Tasso,

¹ Já noutro logar provei em confronto de datas que o episodio do *Camões* de Garrett, em que o épico perde um olho, salvando o pai, é menos verdadeiro.

envolve o nome do nosso épico numa auréola de desventuras amorosas, que muito compraz as exigencias da sentimentalidade portugueza.

Dolorosa sequencia de desgraças é a sua vida, ainda mesmo sem essa discutivel paixão.

O que aqui afirmo não significa contradição com o que subscrevi a esse respeito, a paginas 64 e 65 do meu livrinho de exégese do poema *Camões* de Garrett; deve apenas ser interpretado como um aperfeiçoamento, consecutivo da maior seriedade dos meus estudos.

A crença desses amores, no espirito do povo, chegou a uma indiscutibilidade, de que só devemos exprobar os romancistas historicos. Para esse possivel erro, contribuiu por certo bastante o romance *Luis de Camões*, de Antonio Campos Junior, em que se lhe atribuem, como certos, ainda outros amores. Tal é a deplorable ação dos romances historicos, repositórios de fantasias, pretextos para estilo, quasi sempre incongruente com a época. E são os que mais se vulgarizam pelos seus arroubos puerilmente patrioticos. Falseiam a historia,¹ fazem

¹ Recentemente levantou-se uma pequena questão contra um bem conhecido romancista que attribuiu á primeira mulher dum rei os filhos da segunda, ocasionando uma se-

quasi abortar a seriedade da historia imparcialmente crítica e dificultam a implantação das modernas ideas. Haja vista na campanha que se levantou contra o maior romancista português, Eça de Queiroz.

A relutancia com que o povo português acolhe a historia, quando éla apresenta os factos despidos das fantasmagorias, de que os eivaram os historiadores do seculo 17.^o, bem contribuiu para que Herculano abandonasse a sua gigantesca emprêsa.

Na India, reatando, Camões toma parte na expedição contra o Chembé, sofre as inclemencias do clima num cruzeiro ao Monte Felix (Canção x). A dissolução campeava livremente pelo imperio luso-indiano; a pirataria no cruzeiro de Meca atraía os descendentes dos passados heroes impolutos como D. João de Castro. Os governadores iam á India buscar com que sustentar o luxo da côrte. A corrupção chegára a tal ponto que foi necessario ordenar-se

rie de anacronismos desconchavados. Arguido disso defendeu-se, afirmando que o entrecho do romance muito lucraria com essa *pequena* infração historica e que um romancista historico não é um historiador.

aos capitães que não retirassem das praças a artilheria e o restante armamento.

Tal era o estado de desorganização da Índia, que revolvia dentro das suas próprias entranhas, o veneno que a prostraria.

Camões vergastou-a com a sátira *Os Disparates da Índia*, que lhe valeu o exílio dissimulado com a transferência para Macau, como *provedor-mór dos defuntos e ausentes*.

De volta a Gôa, preso por suspeição de menos inteireza e retidão quanto aos fundos que devia guardar em seu poder, naufragou na foz do rio Mecon ou Cambodja, salvando a nado o manuscrito dos seus *Lusiadas*, então já muito adiantados.

Novamente desprotegido, acompanhou para Moçambique, em 1537, Pedro Barreto, a principio seu amigo e depois perseguidôr.

Em 1569, Diogo do Couto e outros admiradores do épico, arribando a Moçambique, cotizaram-se para lhe pagar a passagem ao reino, onde chegou a 7 de Abril de 1570, ano da celebre *peste grande*.

Os ultimos annos da vida de Camões são occupados na revisão das suas obras e impressão dos *Lusiadas*.

Como lírico, Camões atingiu a mais brilhante

manifestação da tristíssima alma portuguesa, uma tristeza vaga, obstinada, que é no fundo toda a sua alegria:

Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora !

(JULIO DANTAS)

Este fundo subjetivo, tão bem traduzido por Bernardim Ribeiro,¹ associando-o á natureza, justifica até certo ponto a relutancia da nossa raça para com o positivismo da época, e a obstinação do romantismo literário.

Em Camões essa tristeza, inata já no seu éstro pela nacionalidade, é acentuada e elevada a um idealismo divino, em consequencia dos estudos do *platonismo*, que então começavam, pelo regresso á antiguidade classica.

A vida de Camões é um drama doloroso, e todas as suas poesias vibram com as emoções intimas. O amor considerado como um sentimento divino, a natureza rehabilitada pela observação da sciencia, a belleza exaltada como uma demonstração da santidade, as imagens da mythologia hellenica ajudando a exprimir este novo estado da alma moderna; a graça anecdotica, a comparação dos phenomenos naturaes aos moraes, a vaga incerteza entre os

¹ V. *Menina e Moça*, primeiros capitulos.

limites da realidade e da aspiração quando conta as suas aventuras, a ingenuidade quasi infantil e instinctivamente destructiva das convenções banaes, tudo isto anima o lyrismo de Camões, fazendo das suas despedaçadas composições um poema subjectivo.

(T. BRAGA).

SONETO 4.º

Amor é um fogo que arde sem se vêr,
He ferida que doe e não se sente;
He um contentamento descontente;
He dôr que desatina sem doer;

He um não querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He um não contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder;

He um estar-se preso por vontade;
He servir a quem vence o vencedor;
He um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pôde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

Só por si este soneto é uma completa filosofia do amor, sentimento cheio de paradoxos e de imprevistos.

SONETO 7.º

Hum mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de quê; hum riso brando e honesto,
Quasi forçado; hum doce e humilde gesto,¹
De qualquer alegria duvidoso:

Hum despejo quieto e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:

Hum encolhido ousar; huma brandura;
Hum medo sem ter culpa; hum ar sereno;
Hum longo e obediente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe,² e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

SONETO 9.º

Quando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura
Em que se veem os céos prevalecer;

¹ Rosto.

² Feiticeira.

Quando Amor á Razão obedecer,
 E em todos fôr igual huma ventura,
 Deixarei de vêr tal formosura,
 E de amar deixarei depois de a vêr.

Porém não sendo vista esta mudança
 No mundo, porque, emfim, não pôde vêr-se,
 Ninguém vendar-me queira de querer-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
 E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
 Para dos olhos meus nunca perder-vos.

SONETO 19.º ¹

Sete annos de pastor Jacob servia
 Labão, pae de Raquel, serrana bella:
 Mas não servia ao pae, servia a ella,
 Que a ella só por premio pretendia.

¹ Todos os assuntos biblicos respiram uma casta poesia, que Camões aproveitou, fechando com grande felicidade o soneto, com a exclamação de Jacob.

Para a harmonia deliciosa desta peça contribue eficazmente a rima em *éla*, todavia fraca na segunda quadra.

Á mesma particularidade deveu Garrett a voga entre o povo da sua *Barca Bella*:

Pescador da barca bella,
 Onde vás pescar com ella,
 Que é tam bella,
 Oh pescador?

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vella:
Porêm o pae, usando de cautella
Em logar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Não vês que a ultima estrella
No ceu nublado se vela?

Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella...

Mas cautella,
Oh pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é remo e vela,

Só de vê-la
Oh pescador!

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'ella,

Foge d'ella,
Oh pescador!

(FOLHAS CAHIDAS)

SONETO 24.º

Coitado! que em hum tempo choro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me alegre e me entristeço;
Confio de huma cousa e desconfio.

Vão sem azas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então fallo melhor, quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade e ser captivo;

Queria visto ser, ser invisivel;
Vêr-me desenredado, amando o enredo :
Taes os extremos são com que hoje vivo!

SONETO 32.º

Doces e claras aguas do Mondego,
Doce repouso da minha lembrança,
Onde a comprida e pérvida esperança
Longo tempo após si me trouxe cégo,

De vós me aparto, si: porém não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Bem poderá a Fortuna, este instrumento ¹
Da alma levar por terra nova e estranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, voa, e em vós se banha.

SONETO 34.º

Aquelles claros olhos que chorando
Ficavão quando delles me partia,
Agora que farão? quem mo diria?
Se por ventura estarão em mi cuidando?

Se terão na memoria, como ou quando
Delles me vi tão longe de alegria?
Ou se estarão aquelle alegre dia
Que torne a vellos, n'alma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão n'hum momentos muitos annos?
Se fallarão com as aves e com os ventos?

Oh! bemaventurados fingimentos
Que nesta ausencia, tão doces enganos
Sabeis fazer aos tristes pensamentos!

¹ O corpo.

SONETO 43.º

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado:
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lagrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta, quando?
Não sei; que também fui nisto enganado.
He tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledó estou julgando.

Fizeram-me cantar manhosamente
Contentamentos não, mas confianças:
Cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, se tudo mente?
Porém que culpas ponho ás esperanças,
Onde a fortuna injusta he mais qu'os erros?¹

SONETO 49.º

Quando os olhos emprego no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que todo emprêgo foi mal empregado.

¹ Para mais rapida interpretação é conveniente dispor o verso pela ordem direta:

Onde a fortuna he mais injusta qu'os erros?

Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo que mais cumpria, mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.

Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera! triste o que confia!

SONETO 50.º

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Algua cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.¹

Este soneto é um dos argumentos em que se estribam os apologistas dos amores com Natercia, morta em plena primavera de seus annos, mas não vejo prova evidente que mostre ser assim.

SONETO 7.º

O dia, hora em que nasci moura e pereça,
Não o queira jámais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse nesse passo o sol padeça.

¹ Para estudo comparativo transcrevo um soneto de Antonio Ferreira á morte de sua mulher, provavel inspirador do de Camões, *Alma minha gentil*:

O alma pura, emquanto cá vivias,
Alma lá onde vives já mais pura,
Porque me despresaste? Quem tão dura
Te tornou ao amor, que me devias?

Isto era o que mil vezes promettias,
Em que minh'alma estava tam segura,
Que ambos juntos hua hora desta escura
Noite nos saberia ao claro dia?

A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Nação-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se vio!

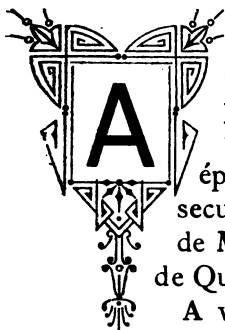
Como em tão triste carcer me deixaste?
Como pude eu sem mim deixar partir-te?
Como vive este corpo sem sua alma?

Ah que o caminho tu bem m'o mostraste
Por que correste á gloriosa palma!
Triste de quem não mereceu seguir-te.

Basta a intuitiva comparação destes dois sonetos para se reconhecer a incomensuravel distancia do esforço por versejar de Antonio Ferreira ao éstro inspiradissimo de Camões.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA †

(1741-1811)



OBRA de Tolentino é dos mais preciosos documentos para o estudo da vida portuguesa da sua época, como a de Gil Vicente no seculo 16.^o, a de Francisco Manuel de Melo no seculo 17.^o e a de Eça de Queiroz modernamente.

A vida restricta da Lisboa do seculo 18.^o acha-se efetivamente retratada nas satiras de Tolentino e nas comedias de Garção e Antonio José da Silva, o Judeu.

Quasi desconhecido no seu tempo, talvez apenas notavel pelo seu peditorio, por vezes bajulador, aos nobres abastados, Tolentino pas-

† Não se conhece retrato algum do poeta.

sou grande parte da sua vida, ensinando retórica, profissão que detestava, e na esperança de um emprego publico que só conseguiu no fim da vida.

Os seus estudos resumem-se no de humanidades e na frequencia muito irregular da Universidade.

Assistiu ao grande movimento de reformas do marquês de Pombal, que nunca satisfez as suas instantes pretensões a um logar official; e á convulsão do estertôr da realza absoluta em França.

Apoiado pelo intolerantismo de Maria I, morreu sem compreënder os grandes acontecimentos do século.

A obra de Nicolau Tolentino é bem pequena, mas bem merecedora de estudo. Os seus versos são corretissimos, duma grande propriedade e facilidade. Como satírico é duma finissima ironia, ironia ainda hoje applicavel porque os tipos não mudaram senão de aspeto exterior:

Veremos o vão peralta,
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta:

Aos cafés iremos vê-lo
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotevello,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapéu de pello:

Ali em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá, que desde creança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França.

.....
Jura que como em Paris
Nunca achou cabelleireiros.

Exalta os molhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes:

Chamará á patria ingrata;
Murmurará do governo,
Que do bom gosto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivelas de prata.

.....
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Coisas que pescou de orelha.

Trocadas as meias de seda branca, os sapatos de fivela e outros artigos de vestuário, pelas botas de verniz e por uma *bonita calça*, o *vão peralta* é no fundo o Damaso Salcede surpreendido por Eça de Queiroz, no seu *poudre de chic* (V. *Maias*).

Poucos poetas, que como Tolentino se tenham dedicado tão raramente ao soneto, poderão apresentar duas peças tão perfeitas, como as que transcrevo:

Aos toucados altos

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colxão, fofo, e de penna,
A filha o ponha ali, ou a criada:

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe um colxão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.»

Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado:
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colxão de dentro do toucado.

Deitando um cavallo á margem

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente,
Não percas tempo, emquanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento;

Esta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dor vehemente,
De torto prégo ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:

Morre em paz, que em havendo algum dinheiro,
Hei-de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

Aqui, piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fora eterno a não morrer de fome.

No genero satírico são os melhores sonetos em lingua portuguesa, principalmente o primeiro, cuja primeira quada é primorosa não só na arte com que abre, mas, e muito mais meritariamente, por pintar a scena com rara felicidade.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

(1765-1805)

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

BOCAGE.



DEPOIS de Camões, cuja prestigiosa figura poi na alma do povo português vibrações de entusiasmo, é Bocage, na Arcadia Elmano Sadino, o poeta único de que êle se lembra. Lembra-se porém dêle, apenas sob o seu aspeto chocarreiro, pela sua veia repentista e jocosa.

Nascido em Setubal, foi, ao tempo dos seus primeiros estudos, confiado aos cuidados de um padre, João de Medina, que o instruiu com

profundeza no latim, passando depois ás aulas militares. Como guarda-marinha partiu para a India, Damão, donde fugiu para a China e dahi para Macau.

Egal causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co'o sacrilego gigante!

No decurso da sua agitada vida, Bocage buscou sempre descobrir factos de contacto déla com a de Camões, ou por um esforço, ou deduzindo apenas a analogia da simples observação.

Como Camões partiu em pleno esplendor de mocidade, ridente de esperanças, pululando-lhe o éstro, para a India; como Camões foi ali guerreado, tambem em consequencia da virulencia dos seus versos. Aquêlê escrevia os *Disparates da India*; Bocage sonetos como o da quadra seguinte:

Eu vim cruar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os géttas,
Terra sem lei, madrastra de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças.

Ainda como Camões errou pelo Oriente, vi-

sitando em piedosa contemplação a gruta de Macau, de comoventes recordações.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante;

Apaixonada como a dum verdadeiro português, a alma de Bocage encobria a sua sentimentalidade vibratil sob um véu de aparente alegria chistosa, que só é explicavel pela sua origem francêsa.

De regresso a Lisboa, contando 24 anos, precocemente experimentado nas sensações mais profundas da vida, miseria, perseguições, abandono, saudades da patria, amores infelizes, etc., Bocage atingiu essa despreocução indiferentista, a que conduzem, umas vezes, as glorias e as honrarias; outras, a desgraça, por uma natural evolução do desespero.

Arrastou então uma vida desregrada pelos botequins das viélas mal iluminadas da Lisboa do seculo 18.º, em companhia dos espadachins abastados, que como recompensa do seu repentismo mordaz, o sustentavam. E assim viveu, admirando Camões, admirado segundo o seu aspeto menos meritorio, pelos seus compa-

nheiros de noitadas e caças aos frades, que odiava, refugiando-se nas intermitencias de desalento no santo afeto duma irmã.

Até esse afeto, pensava êle, o aproximava de Camões, consolado no seu regresso pela velhice da mãe. Aos 39 anos, gasto pelos desregramentos que o consumiam, morreu, deixando o seu nome perduravelmente gravado na memoria do povo português.

Literariamente Bocage exerceu uma influencia decisiva na sociedade portugueza e pôde dizer-se que foi o precursor da aurora do constitucionalismo e revoluções preparatorias.

A obra de Bocage pôde dividir-se em 4 partes, segundo o seu espirito:

1.^a — Composições arcadicas e liricas (sonetos, odes, cantatas, etc.)

2.^a — Traduções do francês (os *Jardins de Delille*, *As plantas de Castel*, a *Agricultura de Rosset* e o *Consortio das Flôres de Lacroix*.)

3.^a — Glosas, epigramas; a parte mais conhecida.

4.^a — Idéas francêsas ou voltaireanismo.

Da primeira podem apartar-se algumas belezas, devendo deixar-se no olvido muitissimas, duma manifesta imperfeição; a segunda esque-

ceu completamente; a terceira conhece-a o povo.

A quarta, a principal e mais pequena, é particularmente importante pela implantação, que se lhe deve, das chamadas *idéas francêsas*, idéas livres sobre o estado e a religião, e odio á *infame*,¹ a Igreja.

Chamaram-lhe no seu tempo *papeis criticos*, e é constituída pelas *Verdades singelas* ou *Voç da Razão* e *Verdades duras* ou *Pavorosa illusão da eternidade*. Recentemente, no decurso da ultima edição das obras de Bocage,² descobriu-se um precioso manuscrito de epistolas criticas.

Quanto se vulgarisou de livre exame, de criticismo, de jacobinismo politico na classe burguêsa proveiu da leitura furtiva das mil copias d'estas Epistolas de Bocage; e tanto que as reflexões do liberalismo de alguns livres-pensadores, depois do cêrco do Porto, denominavam-se *Verdades velhas*.

(T. BRAGA).

Essas idéas, expendidas num tão restrito numero de composições, valeram-lhe dois proces-

¹ Epiteto usado por Voltaire.

² Livraria Tavares Cardoso, 1902. Lisboa.

sos na Inquisição; a sentença do primeiro condenou-o a educação espiritual num convento de Oratorianos; e o segundo não proseguiu.

Tem-se dito que foram as condições do meio que retiveram os vãos do seu éstro e a demonstração do modernismo das suas idéas. Estudando porém a sua vida e a sua obra, associando-as para explicar uma com o recurso da outra, é de concluir, com muito mais probabilidades de certeza, que Bocage não tenha deixado uma obra por *não poder deixá-la*.

A volubilidade, quasi caprichosamente pueril, da sua vida, refletida na sua obra, nunca poderia deixar o seu espirito fixar-se em estudo aturado sobre um intuito. A idade em que morreu, trinta e nove anos, não é a idade em que o artista, de indole tão caprichosa e volúvel como a de Bocage, atinge a sua pujança.

Não deixou uma obra porque o seu talento era ligeiro, facil, superficial. Dahi a mutua aproximação déle e do povo.

João de Deus não póde comparar-se a Guerra Junqueiro, todavia o primeiro vogou, e ainda hoje, entre o povo, e o segundo, cuja influencia fundamental a critica literária um dia estu-
dará, está circumscrio aos intellectuaes.

O mesmo a dizer de Antero de Quental.

A constância do sabio superior aos infortunios

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadêas asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil bocca e vil mão, rôto e cuspidio,
Sem vêr um só mortal compadecido,
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante e barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não mal diz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

Preparando-se para morrer

Meu ser evaporei na lide insana
De tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! Cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

Do que inumeros soes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a Natureza escrava
Ao mal, que em sua origem damna.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, ó Deus! . . . Quando a morte á luz me roube
 Ganhe um momento o que perderam annos,
 Saiba morrer o que viver não soube. †

† Um outro soneto, que dizem ser a sua ultima composição, só reproduzo em nota por haver duvidas sobre se seja realmente Bocage o seu autor e pela demasiada liberdade poetica do penultimo verso, em que a rima obriga a lêr *impia*:

Já Bocage não sou! . . . Á cova escura
 Meu estro vae parar desfeito em vento . . .
 Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
 Leve me torçe sempre a terra dura:

Conheço agora quam vã figura
 Em prosa e verso fez meu louco intento
 Musa! Tivera algum merecimento
 Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo, a lingua quasi fria
 Brade em alto pregão á mocidade.
 Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui . . . A santidade
 Manchei! . . . Oh! Se me crêste, gente impia
 Rasga meus versos, crê na eternidade!

CAMILO CASTELO BRANCO

(1825-1890)

• A minha vida é uma elegia continuada.

CAMILO — *Nostalgias*.



PARA bem interpretar a obra vastíssima de Camilo, é preciso conhecer bem de perto a sua vida horrósa, duma violencia que só um espirito como o seu conseguiria suportar por sessenta e cinco anos.

Filho natural, desherdado, orfão de pai e mãe aos nove anos, precocemente desgraçado, sem aquélla graça ingénua e despreocupada que faz das creanças os anjos da terra, bem cedo começou a sentir os arremessos irresistiveis da sorte.

Resolvida por conselho de familia a sua rada para Vilarinho de Samardan, para duma irmã, partiu num navio que arribou arvorado a Vigo. Então a viagem fazia-se Porto, e por mar. Em Samardan viveu o meiros anos, recebendo lições de latim e lhos *in-folios* do padre Antonio d'Azeve quem dedicou *O Bem e o Mal*, e de moral ligião no seu convivio.

Ali, contemplando a natureza árida e se nas suas fugidas para a serra, á caça ou cendo os rebanhos da casa, insinuou-se-ll espirito essa franqueza rude e desataviad foi sempre o fundo do seu carater e o prir que regia todas as suas apreciações.

A sua alma amorosa e vibratil entretai borboleteando por mil amoricos, para dev compensador da sua insulação e por exig da sua poderosa organização afetiva dos seis anos, tomando a serio uma dessas afe de infancia que passam rapidas como um vem d'ouro num céu de primavéra, casava uma camponeza de S. Cosme de Gond de quem houve uma filhinha.

A instancia dos sogros partiu para o I afim de se preparar para entrar na Escol dica que ainda chegou a frequentar.

Á magua duma vida de privações e r

dos estudos regrados, a que o seu espirito irrequieto foi sempre inadaptavel, acreceu a dôr da morte da filhinha e da esposa, mêses depois.

Desde então a mocidade de Camilo é um rosario de amores passageiros.

Dentre as multiplas causas das suas infindas desgraças sobresáem, a dificuldade de meios, a doença e — muito principalmente — o amôr, que chegou, a requisição dum tio uma vez, e outra por adulterio, a lançá-lo na cadeia.

A ultima detenção seguiu processo regular e publico, de que resultou uma corrente de antipatias pelos dois incriminados, e a sua união até á morte.

Vivendo sempre na aldeia, ora no Minho, ora em Trás os-Montes, adquiriu um superior conhecimento da vida do campo e da selvatica psicologia dos seus habitantes. Dahi a inexcedivel perfeição dos seus romances de aldeia, como a *Brasileira de Prazins*, obra imorredoirá, que veio denunciar que o Minho é ainda hoje o grande baluarte do clericalismo e conseguintemente da ignorancia. É gente que se ajoelha ao ver um caminho de ferro!

No periodo, relativamente curto, que passou no Porto, misturou-se á turba-multa dos Saints-Preux ultra-romanticos, que então se reuniam no Café Guichard. E assim conheceu de perto a

velha e retrograda sociedade portuense, em que destacavam apenas os inglêses, como gente de trabalho. Com os romances desse periodo, em que assimilou o ultra-romantismo, conseguiu maravilhas de sentimento, que hoje, por deslocadas, desagradam. As obras primas dessa primeira maneira são os romances *Onde está a felicidade?* e *Amor de perdição*, maravilhas no genero ultra-romantico, que ainda se lêem com agrado e não como simples documentos literarios, e dentre cujas fantasias duma imaginação á solta sobresaem verdadeiras belezas, como o caracter de Guilherme do Amaral, no primeiro, um frivolo com intermitencias de pundonor e sentimento.

Por uma lenta evolução e aperfeiçoamento passou a uma nova fase ou *maneira*, em que satirizava os brasileiros ricos, que predominavam no velho Porto, e as erroneas ligações das suas filhas que provocavam por um tórpe intuito de aliciar capital, para fazerem um *casão*, donde resultavam os adulterios e outras chagas.

Já influenciado pelo *Crime do Padre Amaro* e pelo *Primo Basilio* de Eça de Queiroz, converteu-se á nova escola, cujo primeiro concurso, *O Eusebio Macario* fôra pretextado por uma pretendida satira ao realismo.

Aproveitando o conhecimento profundo que tinha da vida aldeã e dos seus habitantes, a maleabilidade de estilo, que sabia criteriosamente adaptar a todas as rodas, publicou nos ultimos anos da sua vida as melhores obras, *A corja*, *A brasileira de Prazins*, os *Serões de S. Miguel de Seide*, etc.

Como pintor da natureza Camilo atinge por vezes a sublimidade, determinada pelo rigor da localização da flóra, pela propriedade dos termos, frequentemente onomatópicos. A sua prosa é por vezes uma musica. Descrevendo uma fonte, sob um parreiral, vêem-se as bolhas d'agua, sente-se o borbulhar, o murmurio da folhagem, a melancolia agri-doce da paisagem.

Duas causas determinaram que Camilo não fosse em todos os seus romances da perfeição de *Eça de Queiroz* e que tão tarde abraçasse o realismo: não ter viajado e a falta de meios garantidos.

E' quasi inconcebivel a direta e complexa influencia das viagens, sabiamente aproveitadas, num espirito superior. Numa nota anterior citei exemplos bem frizantes.

Como poeta Camilo não passa á eternidade, visto que poucas são as suas composições de éstro.

Ha comtudo dois sonetos sentidissimos, um dos quaes T. Braga classifica de immortall e de que reproduzo adiante o melhor.

Brotou-lhe da alma espontaneamente, como uma lagrima, mas uma lágrima com a textura duma perola. Abismava-se-lhe a alma, já tão lacerada, na dôr da loucura do seu filho dileto, Jorge, da morte da sua nêtinha a que tambem muito queria, e da sua cegueira, cuja incurabilidade o levou ao suicidio.

SONETO 32.º

A maior dôr humana

Paroxismos da luz! Tristes cantares!
 Sahis da treva, em treva esqueceréis!
 Romanticos leitores, não choreis;
 Poupai-vos para os vossos maus azares!

1 «Camillo foi por muito tempo victima d'esta desgraçada suggestão (polemicas e intrigas litterarias), conhecendo por fim o embuste, como o revelou em uma carta a Chardron, e desfazendo repentinamente o odio de vinte annos com o Soneto immortal da «Maior dôr humana» — V. «Camillo Castello Branco» Perfil.—T. BRAGA.

Se navegaes por bonançosos mares,
De subito no azul do céu vereis
A nuvem que se rompe nos parcéis
De imprevistas borrascas de pezares.

Disse Henri Heine,¹ o cego: — «Não lastimem
As lancinantes maguas, que me oprimem. . .
Espere cada qual chorar por fim.

E eu que tanto carpi os condemnados,
Os cegos — os supremos desgraçados —
Já lagrimas não tenho para mim.

(Nas Trevas).

¹ Celebre escritôr sceptico alemão. Depois duma vida irregular, sobrevieram-lhe doenças dolorosas que lhe aze-daram a indole, a que succumbiu após cruciantes padeci-mentos rematados pela cegueira. Escreveu em alemão e fiancês. Nasceu em Dusseldorf em 1797 e morreu em Pa-
ris em 1856.

ANTERO DE QUENTAL

(1842-1891)



PERTENCEU o primeiro sonetista português á celebre escola de Coimbra, de que foi chefe o Dr. Teófilo Braga. Déla fizeram parte entre outras as notabilidades Guerra Junqueiro, Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.

Na monarquia das letras reinava Alexandre Herculano, secundado por Castilho, o reactionario do classicismo, como justamente classificou T. Braga. A poesia era um neofilibatismo arcaico, por vezes insuportavel.

Era o tempo em que eu e os meus camaradas do Cenaculo, deslumbrados pelo lyrismo épico da *Légende des Siècles*, «o livro que um grande vento nos trouxera de

Guernesey» — decidimos abominar e combater a rijos brados o Lyrismo Intimo, que, enclausurado nas duas pollegadas de coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel confidencia de glorias e martyrios de amor.

(A correspondencia de Fradique Mendes—
EÇA DE QUEIROZ)

O romance era feito ainda, segnndo os moldes romanticos, historia embelezada por peripicias amorosas; insinuando nos personagens caratères que a verdadeira historia lhes nega, attribuindo-lhes uma linguagem incongruente, em consequencia do completo desconhecimento da época.

Apenas Camilo destacava na pleiade dos romancistas coevos pela sua maneira, essencialmente pessoal, *maneira camiliana*, Julio Dinis,¹ como transição para o realismo, e no antigo genero do romantismo social, os romances de Herculano que profundamente estudou as épocas.

A historia politica e social cessára com Her-

¹ Julio Dinis representa em Portugal a época literaria *naturalismo*, em que ha bastante de observação, mas apenas buscando o *bélo*.

culano, ficára em D. Afonso 3.º; a historia literária. . . não existia. A velha retórica com a sua dogmatica e inutil *Estilistica*, com o catalogo de autôres e obras, datas de nascimento e morte, chamava-se por ironia *historia da litteratura*.

Surge a nova escola e todo o meio politico, social e literario se abalou, caminhando para um progresso real.

As conferencias no Casino de Lisboa, suspensas por ordem do governo, foram a inauguração dessa campanha, cujos pruridos a sua mocidade ardente e entusiastica deixára transparecer em Coimbra.

Herculano foi consultado e da sua resposta, ¹ favoravel á manutenção do Casino, mas em conflito com as modernas idéas sobre religião, resultou uma campanha, que não conseguiu destroná-lo, como sucedêra a Castilho, porque o seu gigantesco espirito era duma tenacidade invulneravel.

Levados pela idade a um periodo de maior

¹ Veja o tomo 1.º dos *Opusculos* «Questões publicas».

frieza e mais constancia, os novos impulsionadores, não desanimavam nos seus esforços, na sua maior parte felicissimos.

Eça de Queiroz, entrado na vida publica, introduz o realismo com o assombroso romance *O crime do padre Amaro*, analizando a cretinidade do clero, a restrita vida duma cidade da provincia. O tema do romance é no fundo o estudo do celibato do sacerdocio, um absurdo em guerra aberta com a condição animal do padre.

Só são verdadeiras as leis, em harmonia com as da natureza. E, na essencia, a legislação não é mais do que uma tentativa constante de busca dessas leis.

O intuito do *Crime do padre Amaro* é portanto o mesmo que o do *Eurico o Presbitero*; neste o celibato do sacerdocio é encarado á luz do sentimento; naquêlé á luz da verdade, segundo as instruções colhidas da observação.

Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato á luz do sentimento e sob a influencia da impressão singular que desde verdes annos fez em mim a idéa da irremediavel solidão d'alma a que a igreja condemnou os seus ministros, especie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existencia na terra.

(*Eurico*... — A. HERCULANO)

Estes dois romances, só por si, cotejados, dão idéa completa do espirito do romantismo e do realismo.

A historia politica propunha-se a continuá-la Oliveira Martins, que depois de varios livros de ensaio, sucumbiu, deixando em meio o seu melhor livro.

A historia da literatura, acordou-a T. Braga, constituindo-a numa sciencia, com a sua filosofia e as suas leis.

Finalmente o antigo neffibatismo destronaram-no T. Braga, Antero de Quental e Guerra Junqueiro, substituindo-lhe a poesia scientifica e filosofica da *Visão dos tempos*, das *Odes Modernas* e da *Morte de D. João*.

Sobre estas disse Michelet:

—«Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o autôr das *Odes Modernas*, Portugal continúa a ser um grande país vivo...»—

A obra de Antero de Quental póde dividir-se em dois grandes periodos, de que são documentos, respetivamente, as *Odes Modernas* e os *Sonetos*.

As primeiras correspondentes á mocidade do

autôr, em toda a sua ardencia, em toda a sua irreflexão, são já elevados na idéa, porém literariamente inferiores aos *Sonetos*, em que o artista se nos mostra na sua pujança.

Evolutando para um periodo de maior firmeza de convicções, vai pouco a pouco atingindo o indiferentismo do estoico, que consegue, por um esforço de ilusão, na ultima fase da sua vida, estudando o budismo, cujo céu, o Nirvana, ou aniquilamento absoluto da materia, é a conclusão de Buda, antecipada de muitos seculos á moderna filosofia das religiões.

Depois de por longos anos pugnar pela justiça, pela liberdade, pelo destronamento do velho Padre Eterno da mitologia cristã, refugia-se no estoico-budismo, apenas illusorio porque o soneto *Á Virgem Santissima* e o seu tragico fim, suicidio, denunciam que a sua alma continuava anciando, anciando sempre.

Esta anciedade era a condição normal dos espiritos superiores da época, que marca a chamada *banca-rota da sciencia*. Caminhava éla vertiginosamente, abstratamente e as suas conclusões eram como a margem dum abismo em cujo seio se revolviam enigmas, cuja decifração parecia não chegar.

Mas as sciencias de que servem élas, se nos não trazem felicidade e apenas nos reduzem ou

pretendem reduzir a automatos intellectuaes, a maquinas pensantes?—dizia-se. O modo de ser da sociedade é artificial e briga com o homem no seu conjunto de idéas e aspirações insaciadas e por vezes incompreëndidas. Para além dos limites das sciencias o pensamento humano poderá ainda atingir alguma coisa que o satisfaça, interpretando-as, e mais, atendendo ao homem como êle é, egoista de felicidade espiritual? Havia. Era a filosofia, de que muitos descreiam.

O filosofo Nieztsche interpretou esta anciedade tornando-se seu éco e reclamou uma filosofia nova que satisfizesse a alma e o espirito humano nas suas mais complexas exigencias. Dos dissidentes das sciencias houve genios literarios que constituiram escola em França, que Quental representa entre nós Tolstoi na Russia.

Antero de Quental não era um artista para o publico; os seus versos eram gritos d'alma, mas gritos afinados pela harmonia do seu éstro; era o artista altruista deslocado na sua época, em que campea o egoismo.

Inclinado ao anarquismo, e a todas as doutrinas negativistas, verdadeiro campeão do *bem absoluto*, essa sublime utopia, cuja aproxima-

ção sucessiva tanto atrai os espiritos superiores, pôde dizer-se dêle:

.....
 Vós sois o novo sol da nova Promissão,
 Tomae a arca santa em vossos ferreos hombros:
 Levae-a pelo mundo; enchei a escuridão
 De raios e de assombros.

.....
 Avante! azorrgae a fronte de Satan
 Com lategos de auroras!

Trabalhae, trabalhae nas forjas do porvir,
 Mineiros do futuros, artistas da verdade!

(*A Morte de D. João*—GUERRA JUNQUEIRO).

Os sonetos de Quental consolam a alma, pela elevação da sua idéa, pela sua musica, pela sua perfeição artistica impecavel. São, como classificou Oliveira Martins, como o limpido arroio que se depara ao fim de algumas horas de caminhada, ao viandante sequioso.

Todas as idéas, todos os pensamentos humanos, têm uma forma de expressão na literatura, que é a melhor, a mais perfeita e que os

artistas não fazem mais que tentar ou descobrir. Conseguida éla, os pósteros nas tentativas não fazem mais do que imitá-la, por desconhedores desta lei.

Cameões, nos seus *Lusiadas*, atingiu a melhor forma adaptavel a uma epopéa nacional, que depois foi tão imitada pelos cronistas em verso. Já antes dêle Virgilio tinha conseguido os moldes duma epopéa, já inspirada na de Homéro e depois dêle todos os épicos o imitaram.

Soares dos Reis no *Desterrado* conseguiu também o *desideratum*, pela escultura, nesse tema. E modernamente Eça de Queiroz retratou tão fielmente os seus typos, que é impossivel trata-los novamente sem recair na imitação. Foi essa perfeição sublime que Quental atingiu nos principaes dos seus sonetos, que ficam para sempre como documento da alma portuguesa.¹

Póde uma nacionalidade morrer politicamente; o que fica déla são as manifestações artisticas, a ultima e mais adiantada fase da vida dum povo.

¹ Esta idéa desenvolvi-a circunstanciadamente e constitui-a em lei, fundamentada em multiplos e irrevogaveis exemplos. Breve a publicarei em opusculo *A lei da conceção na literatura*.

A Grecia morreu e todavia do alto da historia, as artes gregas são luminares gigantescos que estendem até nós os seus raios deslumbradores.

Por isso o estudo da vida dum povo sem o da sua literatura, em que a sua sentimentalidade e os seus ideaes se manifestam, é necessariamente incompleto.

Os sonetos ² de A. de Quental correm agrupados por periodos correspondentes a épocas da sua vida de artista. Nos ultimos atingiu a perfeição maxima, o assombro.

Foi principalmente destes ultimos que seleccionámos os espécimens.

Sonho oriental

Sonho-me ás vezes rei, n'alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsamica e fulgente
E a lua cheia sobre as aguas brilha.

² Estão traduzidos em quasi todas as linguas vivas.

O aroma da magnolia e da baunilha
Paira no ar diaphano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto, n'um scismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

Nocturno

Espirito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Filho esquivo da noite que fluctua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longinquo—triste e lento—
Que voga e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instincto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre do Ideal, que me consome,
Tu só, Genio da noite, e mais ninguem!

O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavalleiro andante.
 Por desertos, por soes, por noite escura,
 Paladino do amor, busco anhelante
 O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacillante,
 Quebrada a espada já, rôta a armadura...
 E eis que subito o avisto, fulgurante
 Na sua pompa e aerea formosura!

Com grandes golpes bato á porta e brado:
 Eu sou o Vagabundo, o Desherdado...
 Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro com fragôr...
 Mas dentro encontro só, cheio de dôr,
 Silencio e escuridão—e nada mais!

Despondency ¹

Deixal-a ir, a ave, a quem roubaram
 Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
 Que a leve o ar sem fim da soledade
 Onde as azas partidas a levaram...

¹ (Inglês: desalento)

Para estudo comparativo reproduzo uma passagem de
 João de Deus:

A vida é o dia de hoje,
 A vida é ai que mal soa,

Deixal-a ir a vela, que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu na immensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixal-a ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
A' morte quéda, á morte silenciosa...

Deixal-a ir, a nota desprendida
D'um canto extremo... e a ultima esperança...
E a vida... e o amor... deixal-a ir, a vida!

Dialogo

A cruz dizia á terra onde assentava,
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo:
—Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo
Vive na dôr e em luta cega e brava?

A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vôa;
A vida é um sonho tão leve

Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

Sempre em trabalho, condemnada escrava,
 Que fazes tu de grande e bom, comtudo?
 Resignada, és só lôdo informe e rudo;
 Revoltosa, és só fogo e horrída lava...

Mas a mim não ha alta e livre serra
 Que me possa igualar!... amor, firmeza
 Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz!... tu és a tristesa,
 Oh lôdo escuro e vil!—Porém a terra
 Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

Homo

Nenhum de vós ao certo me conhece,
 Astros do espaço, ramos do arvoredo,
 Nenhum adivinhou o meu segredo,
 Nenhum interpretou a minha prece...

A vida é flôr na corrente,
 A vida é sopro suave,
 A vida é estrella cadente,
 Voa mais leve que a ave:
 Nuvem que o vento nos ares
 Onda que o vento nos mares,

Uma após outra lançou,
 A vida—penna cahida
 De aza de ave ferida—
 De valle em valle impellida
 A vida o vento a levou!

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que ha dez mil annos já, n'este degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pae nem mãe...

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanaz;—talvez um filho
Bastardo de Jehovah;—talvez ninguém!

Disputa em familia

✍ Dixit insipiens in corde suo: non est Deus.

I

Sae das nuvens, levanta a fronte e escuta
O que dizem teus filhos rebellados,
Velho Jehovah de longa barba hirsuta,
Solitario em teus Ceos acastellados:

«—Cessou o imperio emfim da força bruta!
Não soffreremos mais, emancipados,
O tyranno, de mão tenaz e astuta,
Que mil annos nos trouxe arrebanhados!

Emquanto tu dormias impassivel,
Topámos no caminho a liberdade
Que nos sorriu com gesto indefinivel...

Já provámos os fructos da verdade...
O' Deus grande, ó Deus, ó Deus terrivel,
Não passas d'uma vã banalidade!—»

II

Mas o velho tyranno solitario,
De coração austero e endurecido,
Que um dia de enjoado ou distraido,
Deixou matar seu filho no Calvario,

Sorriu com rir extranho, ouvindo o vario,
Tumultuoso côro e alarido
Do povo insipiente, que atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu sacrario:

«—Vanitas vanitatum! (disse). É certo
Que o homem não medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e desacerto.

Muito antes de nascerem vossos paes
D'um barro vil, ridiculas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais!—»

Mors liberatrix

Na tua mão, sombrio cavalleiro,
Cavalleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projectas...
Só o gladio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

—«Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavalleiro-andante)
É porque esta é a espada da Verdade

Firo mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consólo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a liberdade.»

Mors-Amor

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenébroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera extranha sem temor,
 E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
 Responde o cãvalleiro: «Eu sou o Amor»¹

Anima Mea

Estava a Morte ali, em pé, deante,
 Sim, deante de mim, como serpente,
 Que dormisse na estrada e de repente
 Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!
 Que torvo olhar! que gesto de demente!
 E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
 Loba faminta, pelo mundo errante?»

¹ Note-se a arte impecavel com que o autor moldou a um soneto uma lei da natureza, a do contraste, um caso particular da lei da harmonia, o amor, revivescencia da materia, nascendo do seu aparente aniquilamento. E' isto o principal merito dos sonetos de Quental, a grandeza da conceção. Compare-se:

Se o fogo de mil crateras
 Tombasse sobre o universo
 E mar, e homens e feras
 Ficasse tudo submerso,
 Embóra! Passado um dia,
 N'um angulo de rocha,
 Onde a urze desabrocha,
 O amor desabrocharia.

GUERRA JUNQUEIRO.

—«Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente extranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo. . . Era um trophéo
Glorioso de mais. . . Busco a tua alma.»—
Respondi-lhe: — «A minha alma já morreu!»

Divina Comedia

Erguendo os braços para o céo distante
E apostrophando os deuses invisíveis,
Os homens clamam:—«Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triumphante,

Porque é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dôr, peccado, illusão, luctas horríveis,
N'um turbilhão cruel e delirante. . .

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dôr nos evocastes?»
Mas os deuses com voz inda mais triste,
Dizem:—«Homens! porque é que nos criastes?»

À Virgem Santissima chela de graça, Mãe de Misericordia

N'um sonho todo feito de incerteza,
Da nocturna e indizível anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza. . .

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Consulta

Chamei em volta do meu frio leito
As memorias melhores de idade,
Formas vagas, que ás noites, com piedade,
Se inclinam a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes:—No mundo immenso e estreito
Valia a pena, acaso, em anciedade
Ter nascido? dizei-m'o com verdade,
Pobres memorias que eu ao seio estreito...

Mas ellas perturbaram-se—coitadas!
E empallideceram, contristadas,
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma d'ellas, lentamente,
Com um sorriso morbido, pungente,
Me respondeu:—Não, não valia a pena!

Espectros

Espectros que velaes, emquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus somnos curtos e cansados,
Me encheis as noites de agonia e susto! . . .

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia á mão dos Fados
Uma parcella de saber augusto.

Se a minh'alma ha-de vêr, sobre si fitos,
Sempre esses olhos tragicos, malditos!
Se até dormindo, com angustia immensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lagrimas geladas da descrença!

ANTONIO CANDIDO
GONÇALVES CRESPO

(1846-1883)



EM nunca atingir a superioridade de concepção de Antero de Quental, G. Crespo guindou-se por vezes a uma notavel perfeição.

A sua obra *Miniaturas* e *Nocturnos* foi consagrada principalmente pela sua harmonia ritmica, de que o soneto *Mater-dolorosa* é um feliz espécimen, ao mesmo tempo que um modelo na pintura do quadro.

G. Crespo nunca se deixou eivar do sentimentalismo de João de Deus, nem tambem rompeu com os modelos antigos, convertendo-se á poesia de idéa, mais que de coração.

Na harmonia e na descrição do assunto foi

superior no soneto *Mater-dolorosa*, porém esse assunto comparado ao de qualquer dos sonetos dos ultimos anos da vida de Antero é banal.

Morreu bem novo, o que impediu que deixasse uma obra vasta.

Quanto nos ficou d'êle resume-se em poesias historicas, velho tipo romantico, e peças ligeiras liricas.

Foi principalmente ás primeiras que êle deu a sua celebridade pela facilidade do verso, a harmonia e a arte do dialogo. Ainda hoje são lidas com justo agrado as *Primeiras lagrimas de el-rei* e a *Resposta do Inquisidor*.

Dos sonetos apartam-se os dois seguintes, o segundo dos quaes tem a impecabilidade da perfeição.

Odor di Femina

Era austero e sisudo; não havia
Frade mais exemplar n'esse convento;
No seu cavado rosto macilento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um livro pardacento,
Viram-n'o desmaiar, cair do assento,
Convulso e torvo sobre a lagea fria.

De que morrêra o venerando frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguem m'a disse, explique-a quem pudêr.

Consta que um bibliophilo comprára
O livro estranho e que, ao abri-lo, achára
Uns dourados cabellos de mulher.

Mater-dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.

Dos céus a curva era tranquilla e pura.
Dos gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulo, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedêra, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantís das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.



JOÃO DE DEUS

(1830-1896)



JOÃO DE DEUS é a mais completa encarnação do lirico ideal e apaixonado, sem entraves positivos, sem preocupações estilísticas visando á erudição. Sentimento singelo, o amor — esse amor portuguesissimo, que Julio Dantas com tanta felicidade surpreendeu para recordações do personagem português da sua *Ceia dos Cardeaes*—em palavras singelas, versos de medida simples e estilo simples. Não foi portanto um sonetista, não podia sê-lo. Dir-se-á: Camões cingindo-se aos cambiantes infinitos do amor, foi um sonetista admiravel. É que Camões, sendo Portugal nos *Lusiadas*, não o é subjetivamente nos *Sonetos de*

Amor. Esse sentimento idealissimo, silencioso, mas culto, aristocratico quasi não é o amôr português, é o da Renascença; era uma poetica abstração que lhe vinha da antiguidade pelo resurgimento de Platão. O lirico mais português é sem duvida João de Deus. Todos o perceberam, todos o amaram porque nos seus versos transparecia um bocadinho da alma de cada um.

A facilidade do verso, a harmonia ritmica consagraram João de Deus, que na nossa historia literaria marca o regresso ao lirismo nacional, esquecido quasi desde Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão.

Os poetas do seculo 17.^o e 18.^o cortaram completamente as raizes da poesia, interdizendo toda a comunicação com o genio nacional, com o povo. Os versos eram para salas, para uma restrita roda. Garrett esteve a ponto de consumir esse regresso á poesia lirica nacional, para o que contribuíram varias causas: os seus estudos de poesia popular, o momento historico do Romantismo e a sua individualidade psicologica. Outras correntes o desviaram. E só com João de Deus toma alento o lirismo nacional (V. Introdução á Edição do *Campo de Flôres, Ne Varietur*, por Teófilo Braga).

A vida

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulto descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava:
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Cantar aos que inda em vida não choraram...

(Da elegia da *Vida*).

**EDIÇÕES DE QUE FORAM EXTRAÍDOS OS SONETOS
AQUI REPRODUZIDOS**

Poesias de Sá de Miranda.

Com um estudo de D. Carolina M. de Vasconcellos

Poesias líricas de L. de Camões.

Rio de Janeiro — 1880.

Obras completas de Nicolau Tolentino.

Tip. Castro & Irmão.

Obras completas de B. du Bocage.

Livraria Tavares Cardoso, com um estudo do Dr.
T. Braga.

Sonetos completos de A. de Quental.

Porto, 1890, com um estudo de Oliveira Martins.

Obras completas de G. Crespo.

Livraria Tavares Cardoso.

O romance do romancista de A. Pimentel.

Campo de Flores. Edição *Ne varietur*.



INDICE





3 9015 06293 4172



